

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BEATRIZ LISSKER

**RAÇA, CIÊNCIA E IMIGRAÇÃO: O CONDE DE GOBINEAU E O FUTURO DO
BRASIL MESTIÇO NA OBRA *L'ÉMIGRATION AU BRÉSIL: L'EMPIRE DU BRÉSIL À
L'EXPOSITION UNIVERSELLE DE VIENNE* (1869 - 1874)**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Licenciatura em História

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BEATRIZ LISSKER

Raça, Ciência e Imigração:

O Conde de Gobineau e o futuro do Brasil mestiço na obra *L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne (1869-1874)*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP como pré-requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em História.

Orientador: Alberto L. Schneider

São Paulo

2023

Agradecimentos

O artigo em questão é um apêndice do minha tese de mestrado que produzo em concomitância com a conclusão do curso de Licenciatura em História. Muito me alegra analisar minha trajetória acadêmica nesse momento em vias de concluir a segunda graduação pela PUC-SP e trabalhando para construir uma tese. Os agradecimentos são, portanto, um imperativo no decorrer desse processo.

Agradeço primeiro ao meu orientador Alberto, meu mentor desde 2017 quando entrei na PUC-SP pela primeira vez. Obrigada pelo incentivo, pelos ensinamentos e pela parceria.

Agradeço sempre a minha família, que muito me incentiva a batalhar pelo que quero e seguir trilhando meu caminho profissional, pessoal e acadêmico. Minha mãe, meu pai e meu irmão são o que há de mais importante na minha vida, nenhuma conquista existe sem eles.

Agradeço também aos bons amigos, aqueles que reconheceram os momentos nos quais foi preciso um ombro solidário, um incentivo à escrita e um merecido descanso.

Por fim, agradeço a Luiza, minha companheira de vida. Obrigada pelo amor, pelo respeito e pela parceria. É assim que ganho força para continuar.

Resumo: O artigo em questão tem por objetivo analisar o discurso de Arthur de Gobineau, contido na obra *L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne (1873)*. O Conde Gobineau, responsável pela produção de um dos maiores pilares teóricos do denominado racismo científico (*Essai sur l'inégalité des races humaines 1853-1855*), esteve no Brasil em 1869 a serviço da diplomacia francesa, onde reside por 14 meses. Aqui, ele coloca suas teorias em práticas ao observar uma população absolutamente miscigenada que, de acordo com seus estudos, estaria condenada a *barbarie étnica* e ao desaparecimento. Por sua proximidade com Dom Pedro II, Gobineau escreve em 1873, um artigo incentivando a vinda de imigrantes europeus às terras brasileiras no intuito de contribuir para o projeto de branqueamento nacional. Pretende-se, portanto, analisar as proposições de Gobineau contidas no artigo, à luz do próprio debate científicista esboçado por ele e diante da premissa de que a imigração europeia seria a única forma de salvar o Brasil. Nesse sentido, teceremos uma relação, entre Gobineau, o discurso racial e o imperativo da imigração para o processo de construção nacional.

Palavras-Chave: Brasil, Racismo Científico, Conde de Gobineau, Imigração, Miscigenação, Raça e Nação.

Abstract: The following article intends to analyze Arthur de Gobineau's discourse perpetrated by one of his works *L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne (1873)*. Count Gobineau, responsible for manufacturing one of the greatest theoretical pillars of the so-called scientific racism (*Essai sur l'inégalité des races humaines 1853-1855*), lived in Brazil for fourteen months in 1869, serving the French diplomacy. Here, he puts his theory into practice when observing a massively miscegenated population which, according to his data, was certainly condemn by the *ethnic barbarity* and soon would disappear. Because of his close relations with Dom Pedro II, in 1873 Gobineau writes an article where the purpose was to encourage European immigrant to come live in Brazil and therefore contribute to the project of whitening the nation. We intended to analyze Gobineau's propositions presented on the article, considering his own scientific theories and in alignment with the premises that the European

migration was the only way to save Brazil. Therefore, we shall draw a relation between Gobineau, his racial discourse and the imperative of the migration to build the nation.

Keywords: Brazil, Scientific Racism, Count Gobineau, Migration, Miscegenation, Race and Nation

Sumário

1. Introdução.....	7 - 10
2. Arhur de Gobineau e os pilares do racismo científico.....	10 - 15
3. Gobineau e o Brasil: O debate científicista e seu engendramento no Brasil da segunda metade do século XIX.....	15 - 18
4. Imigração e ciência: <i>L'Émigration au Brésil (1874)</i> e a prenuncia de uma política de embranquecimento.....	18 - 29
5. Conclusão.....	29 - 31
6. Fontes.....	31
7. Bibliografia.....	31 - 32

1. Introdução

O Conde Arthur de Gobineau é com certeza uma das figuras mais relevantes e polêmicas para o debate científico racial do século XIX. Literato, acadêmico e diplomata, o conde foi responsável pela produção do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), um dos pilares da construção do discurso racista ocidental, alegando que existem diferentes espécies humanas estruturadas em uma hierarquia na qual os brancos arianos estariam no topo e os negros no extremo oposto. Assim, a mestiçagem entre as raças seria para ele, o verdadeiro inimigo das civilizações modernas.

O *Essai*, obra na qual Gobineau apresenta seu grande postulado teórico, recebeu e recebe a devida atenção. Por representar um marco entre os *homens da ciência*¹ ou *pregadores científicos*² no século e proliferar-se em uma série de outras práticas e teorias de cunho racista³ e racista, seu ensaio é peça chave para a compreensão da conversão de diferenças em desigualdades sob a égide da ciência (que concretiza-se no XIX como paradigma irrefutável).

No decorrer de sua carreira diplomática, Gobineau foi enviado como ministro da França ao Brasil em 1869, onde vive por 14 meses e se assusta com as cores, costumes e tradições da população que ele associa inclusive a *um bando de macacos*⁴, exceto pelo seu líder, o Imperador, amigo que afirma ser o único elemento civilizado e interessante em terras brasileiras⁵. O Brasil, na visão fatalista do conde, estaria adiantado no processo de decadência, uma vez que a população encontrava-se em grau tão elevado de miscigenação que, de acordo com seus cálculos, estaria fadada ao desaparecimento em menos de 200 anos⁶.

¹ Denominação utilizada por Lilia, Schwarcz (1993).

² Termo utilizado por Hanna Arendt (1976)

³ Conceito que emerge nas décadas de 1840 e 1850 e será utilizado no decorrer dessa pesquisa. Nas palavras de Bethencourt representa “*um esforço científico para justificar e reificar as divisões, bem como as hierarquias de raças, que supostamente seriam inatas, imutáveis e perpetuas*” (BETHENCOURT, 2018, pp. 368). A esse respeito Todorov (1993, pp. 110) acrescenta: “*O racista não se contenta em afirmar que as raças são diferentes, também crê que umas são superiores às outras*”

⁴ Uma apologia ao conto *As Mil e Uma Noites*, que Gobineau muito gostava e escreve em carta a Marie Dragoumis em julho de 1869. Na carta ele se compara a *Simbá* que, ao atracar em uma terra desconhecida encontra uma multidão de macacos, de diferentes cores, tamanhos e idades.

⁵ Descrição contida em carta a Zoe Dragoumis datada de maio de 1869.

⁶ Previsão que ele demonstra por meio de cálculos e estatísticas em seu artigo: *L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne* (1873)

Apesar da baixa demanda de trabalho⁷ e do desprezo pelo clima e pela população local, Gobineau e Dom Pedro II tornam-se grandes amigos e mútuos admiradores. Em suas reuniões semanais no Passo Imperial, eles debatiam crenças, posicionamentos políticos e anedotas pessoais, prática esta que se manteve por meio da troca de cartas até o momento da morte do conde em 1882.⁸

Fruto da admiração e apreço de Gobineau pelo Imperador brasileiro e claramente ciente de que a aliança com tal figura traria benefícios políticos e pessoais, o conde escreve em 1873 um artigo intitulado *L'Emigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne*, no qual faz um elogio a nação brasileira com o intuito de incentivar a imigração europeia a Costa de Cabral. Importante destacar que não se tem conhecimento do motivo exato que leva o conde a escrever e publicar o artigo, contudo trabalhamos aqui com uma suposição embasada nas cartas que ele adereça ao amigo Imperador. Em 25 de dezembro de 1873, Gobineau escreve de Stockholmo à Dom Pedro II:

[...] J'ai suspendu mes travaux ordinaires pour m'occuper d'un article développé et raisonné sur la statistique du Brésil. Il est déjà un peu avancé et je le destine au *Correspondant*. Je le fais au point de vue de l'émigration et m'appuie sur un fait intéressant qui se passe à cette heure, ici, et en Allemagne. C'est le retour de nombreux émigrants qui ont quitté les Etats-Unis après avoir vainement essayé de s'y faire une place. Il m'a semblé que l'occasion était favorable pour exposer et faire ressortir les mérites et la richesse d'un pays où ne se trouvent pas les inconvénients dont les émigrants ont eu à se plaindre. Je ne puis dire tout le plaisir que j'éprouve à m'occuper de choses de nature à plaire un peu à l'Empereur. Cette statistique du Brésil est d'un extrême intérêt. C'est un ouvrage clair, précis, simple où les faits sont présentés avec une simplicité qui répond de leur bonne foi et où la somme des mérites est présentée de façon à produire l'impression la plus heureuse sans qu'aucun artifice de langage. Sy ajoute. Il y a peu de pays sur lesquels on possède un bilan aussi net de la situation et je me réjouis infiniment que le Brésil soit du nombre de ces régions si parfaitement appréciées. Je ferai de mon mieux dans mon travail pour conserver le caractère de réalité à tout ce que j'aurai à emprunter à la statistique. J'espère envoyer l'article à Paris vers le 15 janvier. (GOBINEAU, 1873, in Readers pp.464- 465)⁹

⁷ Em carta à sua esposa (1869), Gobineau se aborrece com o fato de que as únicas e efêmeras questões que o ocupam são a Guerra do Paraguai, o comércio do café e a cotação do papel moeda.

⁸ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

⁹ “Interrompi meus trabalhos habituais para ocupar-me de um artigo desenvolvido sobre a estatística do Brasil. Ele já está um pouco adiantado e eu o destino ao *Correspondant*. Faço-o sob o ponto de vista da emigração e baseando-me sobre o fato interessante que se passa atualmente, aqui e na Alemanha. É a volta de numerosos emigrantes que deixaram os Estados Unidos depois de terem tentado em vão arranjar uma colocação. Pareceu-me que a ocasião era favorável para expor e fazer realçar os méritos e a riqueza de um país onde não se vê os inconvenientes de que se podem queixar os emigrantes. Não posso dizer todo o prazer que experimento em ocupar-me de coisas que possam interessar um pouco ao Imperador. Esta estatística brasileira é de grande interesse. É um trabalho claro, preciso, singelo onde os fatos são apresentados com uma simplicidade que responde por sua boa fé e em que a soma dos méritos é exposta de maneira a produzir a impressão mais feliz sem acrescentar nenhum jogo de linguagem. Bem poucos são os países sobre os quais se tenha um balanço tão nítido da situação e felicito-me infinitamente que o Brasil esteja no

O artigo em questão foi pouquíssimo estudado pela historiografia e, feito sob as mãos de um dos maiores teóricos raciais, ele prenuncia um debate em voga a partir da segunda metade do século XIX. A associação entre ciência, civilização e imigração no Brasil é uma equação de certo conhecida por aqueles que voltam os olhares para a segunda metade do século XIX, contudo, introduzir o debate migratório pautado na “salvação biológica” através da obra de Gobineau, é com certeza um movimento relevante para historiografia brasileira. A questão racial, tão engendradora na formação e desenvolvimento do Brasil, tem na obra do conde um importante aliado, que anuncia ao mundo a necessidade de *novas almas*¹⁰ capazes de civilizar os corpos e mentes de uma sociedade rumando à barbárie étnica.

Nesse sentido, a questão da miscigenação torna-se pauta essencial ao tratar das hierarquias raciais brasileiras. A premissa *gobiniana* de que a mistura entre as raças estaria conduzindo civilizações ao fracasso, encontra terreno fértil no Brasil. Conclui-se, portanto, que o projeto de branqueamento vai muito além de uma questão fenotípica ou puramente biológica, ele estaria no cerne da construção nacional brasileira. Nas palavras de Seyferth:

“A miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro após 1850, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um *tipo* nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população. Como consequência, será assunto obrigatório na discussão da política migratória.” (SEYFERTH, 1996, pp. 43)

Pretende-se aqui, analisar o discurso de Gobineau contido no artigo publicado pelo *Le Correspondant* em 1873 à luz do escopo teórico desenvolvido pelo conde no *Essai* e, mais do que isso, dimensionar tal publicação frente ao debate científico e migratório no Brasil. Sabemos que a ciência opera no decorrer do século XIX enquanto novo instrumento de dominação racial, respaldando a desigualdade advinda das diferenças étnicas. Tal discurso científico, que percorre e engendra-se no imaginário brasileiro, sobretudo no contexto de decadência da instituição escravista, encontra no processo migratório a chave para o progresso. A nação brasileira, vislumbrada verticalmente nesse momento, deveria ser fenotipicamente branca, culturalmente europeia e economicamente assalariada¹¹. Apesar da curtíssima estadia no Brasil e desprezo do

número dessas regiões tão apreciadas. Em meu trabalho farei o possível para conservar o caráter de realidade a tudo o que tiver de emprestar a estatística. Espero enviar o artigo a Paris lá para 15 de janeiro.”

¹⁰ Termo que Gobineau utiliza em seu artigo para se referir aos europeus que migrariam ao Brasil

¹¹ SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. In Maio, Marcho Chôr, Santos, Ricardo Ventura. Raça, Ciência e Sociedade Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996¹¹

Conde de Gobineau por nossa *gente miúda*¹² não se pode desconsiderar a força do seu discurso para a prática racista e pretensamente civilizatória que pretende erguer uma nação moderna.

2. Arhur de Gobineau e os pilares do racismo científico

O Conde Joseph Arthur de Gobineau foi um diplomata e típico literato com vários talentos. Seus escritos iam desde a antropologia social, até romances, novelas e poesias¹³. A obra pela qual o Conde Gobineau seria mais conhecido não se trata, no entanto, de uma obra artística e sim do *Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855)*, em que procura especular a razão para a ascensão e queda de todas as grandes civilizações, o que, como percebemos pelo próprio título, se daria devido à questão étnica.

Gobineau nasceu em 14 de julho de 1816 em Ville-d'Avray na França, filho do capitão Louis de Gobineau e de Anne Madeleine de Gercy. Em 1846, casou-se com Clémence Monnerot, com quem teve duas filhas, Diane e Christine. Sua carreira diplomática começou a partir da nomeação por Aléxis de Tocqueville (1805 – 1859)¹⁴ (amigo que mantém ao longo de sua vida e com quem divide sua obra) em junho de 1849 para chefe do *Cabinet aux Affaires Étrangères*. Quanto à sua origem nobre, um de seus biógrafos garante que a partícula *de*, caracterizadora da nobreza aristocrática francesa não seria advinda da pia batismal¹⁵. Segundo Jean-François de Raymond, essa controversa história pessoal teria constituído a base psicológica para que o conde não somente escrevesse o *Essai*, mas também para que aos cinquenta e cinco anos forjasse para si uma genealogia mítica em que se ligava, por linhagem de sangue aristocrática e cavaleiresca, a Ottar-Jarl, um viking normando que descenderia por sua vez do deus Odin (Raymond, 1990 e Arendt, 1990). Segundo Gahyva:

¹² Caracterização presente em carta que Gobineau envia a sua esposa em 1869 ao atracar na Bahia. No documento ele escreve ainda: (...) *Todo esse povinho miúdo, escuro, ri a solta colocando à mostra os dentes reluzentemente brancos, entre o vermelho-escuro dos lábios que se destacam sobre a pele negra. É uma algazarra e um vozerio característicos de uma escola de rebuliço.* (GOBINEAU in READERS, 1988, p. 40)

¹³ RAYMOND. Jean- François de. Arthur de Gobineau et le Brésil. Grenoble : Presse Universitaires de Grenoble, 1990.

¹⁴ Intelectual e político francês preocupado em compreender a sociedade do pós-revolução na chave da busca pela igualdade e limites da liberdade individual. Tocqueville era amigo de Gobineau e foi um dos leitores do seu *Essai* antes mesmo de sua publicação, além de ter sido a personalidade que introduziu o conde ao mundo da diplomacia.

¹⁵ RAYMOND. Jean- François de. Arthur de Gobineau et le Brésil. Grenoble : Presse Universitaires de Grenoble, 1990.

“A reflexão gobiniana é herdeira de uma tradição intelectual imersa na tensão conceitual segundo a qual a nobreza era uma nação a parte, composta por uma determinada classe social e cujas características morais transmitiam-se geracionalmente – ela possuía linhagem. Gobineau constrói sua crítica à sociedade moderna sob essa rubrica. Tateando uma noção biológica de *raça-espécie*, ele mantém-se próximo a uma noção de *raça linhagem*.” (GAHYVA, 2011, pp. 503)

O autoproclamado conde¹⁶, apesar de pouco referenciado por seus contemporâneos, seja pelo seu radicalismo teórico ou por sua arrogância¹⁷, postula através de ensaios, artigos e até mesmos cartas e correspondências com amigos e familiares, os perigos advindos da mistura das raças, elemento este que levaria qualquer civilização à ruína. Sob a égide de um fatal pessimismo, Gobineau acreditava ter encontrada no processo miscigenatório, a estagnação do progresso humano, concluindo que “a triste previsão não é a morte, mas apenas a certeza de que chegaremos a ela degradados” (GOBINEAU, 1855 pp. 529)

Em meio a uma extensa conjuntura de produção teórica acerca do surgimento da raça humana e constituição das diferenças, pautada sobretudo no embate entre monogenistas e poligenistas¹⁸, Gobineau se destaca por uma formulação *sui generis*¹⁹.

O conde não inventou o argumento racial, este era um assunto em pauta na filosofia, nas letras, nas artes e na ciência em geral do seu tempo. Uma das grandes discussões entre os pensadores do século XIX era quanto à questão da origem do homem: soltas as amarras da explicação teológica e frente à descoberta de diversas outras sociedades humanas naqueles últimos três séculos, o europeu questionava se teriam todos aqueles grupos advindos de um só casal²⁰. Estudiosos dividiam-se entre os monogenistas, crentes em uma única origem do gênero humano e poligenistas, aqueles que acreditavam haver surgido paralelamente diversos focos de hominídeos em diferentes lugares do globo²¹.

Um monogenismo, descrito por Poliakov da seguinte forma: *Em suma, pode-se dizer que era monogenista em teoria, e poligenista na prática* (Poliakov, 1974, p. 218), Gobineau tomava

¹⁶ Idem

¹⁷ Idem

¹⁸ SCHWARCZ, Lilia. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁹ POLIAKOV, Leon. O mito ariano, ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

²⁰ BETHENCOURT, Francisco. Racismos: das cruzadas ao século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

²¹ SUSSMAN, Robert W. The myth of race: the troubling persistence of an unscientific idea. Harvard University Press, 2020

como inquestionável a verdade bíblica que postulava haver um só casal original. No entanto, isso não fazia crer que não existissem diferentes raças. Tais raças seriam diferentes entre si pelas formas exteriores, as proporções dos membros, a estrutura da cabeça óssea, pela conformação interna do corpo, pela natureza do sistema venoso, pela cor e uma infinidade de outros aspectos²², o que somente poderia ser rompido pelo cruzamento entre elas:

“Esta permanência de caracteres genéricos basta plenamente para produzir os efeitos de dessemelhança radical e de desigualdade, a dar-lhes o alcance de leis naturais, e aplicar à vida fisiológica dos povos as mesmas distinções que aplicarei mais tarde à sua vida moral” (GOBINEAU, 1855 p.107).

Gobineau acredita na existência de uma raça original, “adamita”, submetida a condições naturais mais poderosas, e ela mesma mais facilmente moldável aos diferentes climas. Desta raça original, ou “raça primária”, as raças atuais herdaram somente caracteres gerais. Graças à origem única de todas as raças atuais é que, entende Gobineau, os seres humanos seriam capazes de produzir híbridos fecundos e essa seria a única forma de romper a *eterna separação das raças* (GOBINEAU, 1853, p.111). A ação cosmológica, teria gerado então três raças distintas – a branca, a amarela e a negra, e dentro destas três raças chamadas “raças secundárias” ainda haveria variações produzidas pelas mesmas forças. A mistura entre esses três tipos puros daria origem ao “tipo terciário” que uma vez misturadas geram as “raças quaternárias” e assim por diante. Sobre estes últimos grupos, aqueles que atingiram um grau mais elevado de mistura étnica, afastando-se da pureza, Gobineau declara que *não oferecem mais do que um espetáculo horrível de anarquia étnica* (GOBINEAU. 1853, p. 117).

Como pensador conservador, recorreu à história como método empírico para comprovar a sua posição. Daí a necessidade de, nos tomos subsequentes de seu *Essai*, que vieram a público em 1855, se ater a exemplos que supostamente comprovassem na materialidade do passado, a sua tese²³. Diversos são os exemplos citados no *Essai* como possíveis causadores da decadência dos povos. O fanatismo, o luxo, a preguiça, a corrupção dos costumes, todos esses foram possíveis justificativas levantadas pelo conde e retoricamente desconsideradas ao longo da obra.²⁴ Após elencar e desmentir uma série de hipóteses, o conde chegou a propor que uma civilização

²² GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855.

²³ Idem

²⁴ GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855.

envelhecida seria inevitavelmente traspassada por outra mais jovem²⁵. Nesse ponto, entretanto, o autor dá a guinada definitiva, chegando à proposição que marcará toda sua análise daí por diante:

Então foi quando de induções em induções tive de me deixar convencer da evidência: que a questão étnica domina todos os demais problemas da história, constitui sua chave, e a desigualdade das raças, cujo concurso forma uma nação, basta para explicar todo o encadeamento do destino dos povos. (GOBINEAU, 1853)

Importante destacar que a origem do mal estar de Gobineau reside, em grande parte, no processo de degradação que observa na França, seu país de origem, no qual as mazelas da revolução burguesa borraram as fronteiras entre as vontades individuais e coletivas. Como bom monarquista que era, o conde argumenta:

Um povo sempre precisa de um homem que compreenda sua vontade, a resuma, explique-a e a leve aonde deve ir. Se o homem está errado, o povo resiste e depois se levanta para seguir o homem que não erra. Esta é a marca óbvia da necessidade de uma troca constante entre a vontade coletiva e a individual. Para que haja um resultado positivo, estas duas vontades devem se unir; separadas, são inférteis. Portanto, a monarquia é a única forma racional de governo. (GOBINEAU, 1855, pp.512)

Conforme diagnosticou Tocqueville, a Revolução colocou abaixo um velho edifício social que ruía por si só, mas o fez *repentinamente, por um esforço convulsivo e doloroso, sem transição, sem precauções, sem deferências...* (TOCQUEVILLE, 1997, p. 68). Esse evento traumático, seguido pelo período de Terror, levou as gerações posteriores a uma busca pela identidade histórica da França.

Gobineau, embora pensasse ser a população franco-germânica superior em muitos aspectos, partilhava a crença de que os galo-romanos dos séculos V e VI, ainda que conquistados, eram uma raça valiosa e superior a seus conquistadores no que diz respeito à moral, bravura e gênio militar. Porém, evitava a visão de que essa raça originara uma classe específica da sociedade. Antes, acreditava que os séculos VIII e IX trouxeram uma mistura de raças entre conquistadores e conquistados que tendeu a se intensificar nos séculos seguintes, o que de acordo com ele representava um enorme problema:

“(...) quando (...) o poder de fazer fortuna, de se ilustrar por meio de descobertas úteis ou talentos agradáveis, foi adquirido por todos, sem distinção de origem (...) a nação primitivamente conquistadora, civilizadora, começa a desaparecer (GOBINEAU, 1983, pp. 169)

²⁵ Idem

O resultado desse processo, já aparente nos séculos XIV e XV, seria o predomínio da bandidagem e decadência, ou seja, até mesmo a raça conquistada acabava por perder as qualidades que possuía antes da miscigenação²⁶. De acordo com Gobineau, a sociedade, produto intrínseco da raça:

“(...) impõe às populações seus modos de existência. Elas circunscrevem entre os limites dos quais esses escravos cegos não têm nem mesmo a veleidade de sair, e não teriam poder para tal. Ditam-lhes os elementos de suas leis, inspiram suas vontades, designam seus amores, atizam seus ódios, conduzem seu desprezo.” (GOBINEAU, 1855, pp.1151)

Toda a sociedade, estaria condenada pelo cruzamento de raças. Não existiria, na visão de Gobineau, a possibilidade de se manter a pureza de raça que iniciara uma grande civilização. Todas teriam seus destinos traçados pelos males da degenerescência:

Penso, pois, que a palavra degenerado, ao aplicar-se a um povo, deve significar e significa que este povo já não possui o valor intrínseco que antigamente possuía, porque já não circula em suas veias o mesmo sangue, gradualmente depauperado com as sucessivas misturas. Dito de outra maneira, que com o mesmo nome não conservaram a mesma raça que seus fundadores; enfim, que o homem da decadência, que chamamos degenerado, é um produto diferente do ponto de vista étnico do herói das grandes épocas. (GOBINEAU, 1855, pp. 39)

Gobineau não se valeu somente da história das grandes civilizações para produzir sua tese. Como literato, tinha uma visão da ciência muito mais ampla do que especialistas que emergiam no século XIX poderiam aceitar. Em carta ao Imperador brasileiro em julho de 1871, Gobineau posicionava-se contra a especialização das ciências e reclamava: ... *em França onde a raiva da especialidade causa estragos de uma maneira bastante calamitosa para depreciar sensivelmente o nível da inteligência.*(GOBINEAU, 1871. In: RAEDERS, 1938. p.54). Na opinião de Hannah Arendt, o conde era a *curiosa mistura de nobre frustrado e intelectual Romântico* ²⁷.

Os postulados teóricos do conde percorreram séculos e sociedades. Sabe-se da influência posterior do seu pensamento na teorização do nazismo²⁸ ou do diálogo intelectual que ele teceu mesmo após a morte, com uma série de relevantes figuras do mundo da ciência. Contudo, pretende-se aqui, observar de forma crítica as formas pelas quais seu discurso engendra-se na realidade

²⁶ GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*:1853-1855.

²⁷ ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013

²⁸ Como aponta Sussman: “The racial classifications of Hitler’s Germany were those invented by the racists of the nineteenth century (Nott, Gobineau, Chamberlain, Ripley) and resurrected in the early twentieth century by the leaders of the eugenics movement.” (SUSSMAN, 2020, pp. 81)

brasileira. Ao tratar do espaço que as teorias *gobinianas* encontrariam nesse cenário, Schwarcz argumenta:

Se com seu pessimismo extremado o conde Gobineau faria poucos adeptos em um Europa dos estertores do século, o mesmo não pode ser dito de outras sociedades, no interior das quais a miscigenação não era um prognóstico, um exercício de imaginação, mas uma realidade vivenciada. (SCHWARTZ, 1993, pp. 84)

3. Gobineau e o Brasil: O debate cientificista e seu engendramento no Brasil da segunda metade do século XIX

Ao descobrir ainda em Atenas, que seria mandado para o Brasil a serviço da diplomacia francesa (1869) e após algum período tentando transgredir o cargo, Gobineau escreve a sua irmã Caroline em 1868, demonstrando sua frustração: *Querem enviar-me como ministro ao Brasil. (...) Creio que mereço outra coisa, e sou capaz de prestar serviços mais relevantes em questões de maior vulto (apud Readers, 1988, p.22)*. Não espanta, portanto, que, fora suas breves caminhadas pelo Jardim Botânico ou o Catete, a presença de Gobineau no Rio de Janeiro tenha se restringido ao Hotel dos Estrangeiros e ao Passo Imperial²⁹, onde encontrava-se frequentemente com o Imperador, que de acordo com ele *é o príncipe mais inteligente e erudito que existiu...Leu e lê tudo*³⁰.

O Brasil, aos olhos de Gobineau, padecia de dois problemas fundamentais: o primeiro deles é a falta de um passado histórico medieval, período com o qual o francês procurava de forma utópica se identificar (não à toa as duras críticas a Revolução Francesa e ao futuro que dela surgiria)³¹; o segundo, e mais grave problema, era o alto grau de miscigenação da população do país, o que aos olhos do conde era sinônimo de degeneração. Se a Europa não tinha futuro, o Brasil tampouco tinha um passado. Um país jovem, que não tivera uma Idade Média, deveria ser para o conde um lugar onde até mesmo o sonho lhe fosse interditado³². Sobre a população brasileira, o conde escreve em carta a Carolina de Gobineau em 19 de abril de 1869:

“Uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo (...) Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-se a tal ponto que os matizes de carnção são inúmeros,

²⁹ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

³⁰ Escreve em carta para seu amigo Prokesch-Osten em 1869.

³¹ GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855.

³² GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855.

e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerância do mais triste aspecto” (GOBINEAU in Readers 1988. p. 90)

Mais adiante no mesmo documento, Gobineau adiciona:

“Já não existe nenhuma família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; o resultado são compleições raquíticas que, se nem sempre repugnantes, são sempre desagradáveis aos olhos”. (GOBINEAU in Readers 1988. p. 90)

No que diz respeito a conformação da população brasileira, alguns pontos merecem atenção. O primeiro deles é a expressiva presença de populações miscigenadas que constituem a nação desde os primórdios da colonização. De acordo com o senso de 1872 (produzido somente dois anos após a conclusão do ofício diplomático de Gobineau no Brasil), 38,1% da população era branca, 19,6% preta, 38,2% parda e 3,9% indígenas. Assim, pretos e pardos somados, sejam eles libertos ou escravizados, contabilizavam quase 60% do contingente populacional brasileiro³³. Ou seja, o Brasil representaria para o Conde, um cenário empírico da progressão do cruzamento entre as raças. No segundo volume publicado em 1855 do seu *Essai*, Gobineau defende a premissa de que *a reunião de todos os tipos degenerados dá e dará necessariamente origem a novas desordens étnicas*³⁴, fato este que ele acredita ter comprovado durante sua curta estadia no Brasil.

Em consonância com o *espetáculo da mestiçagem*³⁵, tão caro àqueles que pretendiam traçar os rumos da nação brasileira, destacam-se os discursos em torno do escravismo, que do ponto de vista institucional começa a se desmontar a partir da segunda metade do século. Em 1850, foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz que proibia o tráfico negreiro (e que, diferente das regulamentações de 1831 e 1835, mostrou-se eficaz na redução da entrada de escravizados no país). Aliada ao fim do tráfico, a Lei de Terras datada do mesmo ano, garantia que as terras se mantivessem nas mãos de senhores brancos, o que por sua vez operava no sentido de fixar as população negras e miscigenadas recém libertas, às margens da sociedade. Destaca-se aqui também, as consequências desencadeadas pela Guerra do Paraguai, entre elas a presença de escravizados no Exército Imperial, o que borra a fronteira entre as atividades próprias para pessoas livres e para as escravizadas. Sinal este que também aponta para o colapso e obsolescência do regime escravista.

³³ CHALHOUB, Sidney. População e Sociedade in CARVALHO, José Murilo de. A Construção Nacional 1830-1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, pp 42

³⁴ GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855. t. II pp. 536

³⁵ Denominação utilizada por Schwarcz (1993), ao referir-se ao Brasil do século XIX.

Estas transformações são golpes duros à manutenção do regime escravocrata. Assim, na década de 1870, o fim da escravidão em terras brasileiras é mais do que nunca uma questão de tempo, passando por uma espécie de sobrevida, que estender-se-ia até o ano de 1888. Constatase nesse momento, portanto, a urgência em demarcar posições na sociedade sem que houvesse perspectivas de igualdade racial, o que acentua a relevância das teorias de cunho racista como as de Gobineau. Tratava-se de um escopo intelectual capaz de possibilitar a perpetuação de uma lógica de respaldo a um ordenamento social do qual os negros e miscigenados só poderiam ocupar posições subalternas. Ou seja, o discurso cientificista estaria encarregado de fornecer os instrumentos necessários para que as diferenças continuassem a garantir desigualdade. Nesse sentido, a antropóloga Mariza Corrêa argumenta:

(...) não parece ter sido apenas pela persuasão ideológica, apoiada em relações de favor entre as raças que os negros e seus descendentes foram socialmente excluídos da participação de vários setores da vida pública brasileira, mas também pela manutenção de uma política autoritária em cuja definição a presença da discriminação não pode ser esquecida. Essa exclusão parece ter sido também o resultado de uma atuação coerente, apoiada por um racismo ‘científico’, que legitimou iniciativas políticas seja no nível nacional - como no caso dos privilégios concedidos à imigração que tiveram como consequência uma entrada maciça de brancos no país - seja em nível regional, como políticas específicas de repressão das atividades religiosas ou culturais dos negros. (CORRÊA, 2001, pp. 43)

Como mencionado anteriormente, Gobineau, no seu esquema de raças secundárias, terciárias e quaternárias, julgava as populações a partir de seu grau de mistura, numa escala de degenerescência crescente. O brasileiro, nessa escala de gradação, não é de se espantar que fosse visto como os macacos do conto das “Mil e Uma Noites”³⁶.

Apesar de reconhecer as belíssimas paisagens brasileiras³⁷ e compreender que o mundo antigo não tem nada que se assemelhe ao Brasil *em matéria de natureza selvagem*³⁸, elemento este elogiado pelo conde em seu artigo, Gobineau encontra na população tamanha decadência moral e ética, que torna-se praticamente impossível vislumbrar algo de positivo no novo mundo: *Salvo o Imperador não há ninguém nesse deserto povoado de malandros*.³⁹

³⁶ Exemplo já citado anteriormente em que Gobineau associa sua chegada ao Brasil a de Simbá em terras desconhecidas e bárbaras.

³⁷ GOBINEAU, Arhur de. *L'Emigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne*: 1873

³⁸ Ele escreve isso em carta a Marie Dragoumis em 29 de outubro de 1960

³⁹ Carta a Keller, citada por Schemann, op. cit., vol. II, p.127 - readers 1988

O Brasil, além de não ter um passado, era um país que se dizia jovem, mas que aos olhos do conde já nascera velho. O grau de miscigenação encontrava-se de tal forma avançado que Gobineau chegou a afirmar, com base em estimativas de números relativos à população, fertilidade e mortalidade, que os brasileiros se tornariam uma raça extinta em cerca de 270 anos, mas imediatamente voltaria atrás para melhor calcular e então chegar à conclusão de que menos de 200 anos seria o tempo suficiente para que os brasileiros desaparecessem.

“... somos inclinados a acreditar que o número de 270 anos é extremamente exagerado, e que em menos de 200 anos, na verdade, veremos o fim da posteridade dos companheiros de Costa Cabral [sic] e dos imigrantes que o sucederam. Aliás, o Brasil já se acostumou a tal espetáculo. Sem falar 129 das numerosas tribos dos Guaranis, que não deixaram nada mais do que seus nomes no solo que possuíam há bem poucos anos ainda, algumas variedades mestiças, outrora muito conhecidas e capazes de desempenhar um importante papel, já não existem hoje; os mamelucos, por exemplo, do que, aliás, a província do Pará não chega a se lamentar” (GOBINEAU, 1873. In: RAEDER, 1988, p. 241 – 242).

Constatamos nesse tópico, portanto, que o Brasil vivenciado por Arthur de Gobineau em 1869 é, pois, um país em vias de modernizar-se perante os imperativos técnicos, científicos e políticos da segunda metade do século XIX. Ou seja, é um país marcado pela presença de populações miscigenadas, no qual o sistema escravista encontra-se em declínio e as teorias científico raciais penetram os ciclos intelectuais enquanto novo discurso de dominação étnica. É aqui que Gobineau (já arrogante e certo de suas proposições teóricas), acredita deparar-se com a *barbarie étnica* e por isso, a grande premissa do seu artigo apresentado no Congresso de Viena em 1873 e publicado no ano seguinte pelo *Le Correspondant*, é a de que o branqueamento deve ocorrer por meio da imigração para que uma nação decrépita como a nossa, pudesse reerguer-se. A partir da análise dessa obra, será possível observar as formas pelas quais o debate migratório, em consonância com o desmonte da instituição escravista, será um dos mais importantes instrumentos operados pelo discurso cientificista para promover o embranquecimento nacional.

4. Imigração e ciência: *L'Émigration au Brésil* (1874) e a prenuncia de uma política de embranquecimento

Em 13 de fevereiro de 1874, Gobineau escreve a Dom Pedro II contando que acaba de enviar um artigo ao *Le Correspondant*. Ele afirma ter utilizado pesquisas e dados estatísticos para debater

a questão migratória e espera que o Imperador possa utilizar-se do documento em favor do Brasil. Na carta, Gobineau coloca:

En général, il me semblerait que si Votre Majesté souhaite avoir soit des ouvriers soit des émigrants suédois et norvégiens de différentes catégories, la chose est faisable. Mais il serait bon de la faciliter en créant des agents consulaires sur différents points en les choisissant un peu actifs. [...] Il me semble qu'il serait intéressant de chercher à détourner sur le Brésil une émigration qui se compose, en général, de gens solides, laborieux et nullement révolutionnaires. (GOBINEAU, 1874 in Readers pp. 467-468)⁴⁰

Percebemos rapidamente por meio da carta que, além de discorrer a respeito da iminência da imigração europeia ao Brasil em seu artigo, ele também se propõe a debater quais são tipos de imigrantes que o Imperador pode considerar vantajosos. No documento acima, ele cita suecos e noruegueses, frisando a importância de buscar por pessoas *fortes, laboriosas e distantes dos ideias revolucionários*.

As correspondências trocadas entre Dom Pedro II e Gobineau, sobretudo entre 1873 e 1874, deixam claro que o conde pretendia divulgar um documento aos conterrâneos europeus capaz de impulsionar os trabalhos do governo brasileiro para incentivar a vinda de imigrantes. Como mencionado anteriormente, Conde de Gobineau tornou-se grande admirador e amigo do Imperador e oferece seus serviços intelectuais para ajudá-lo na grande empreitada do século: branquear a nação brasileira. É nítido, contudo, que o intelectual não desprende esforços sem algum tipo de contrapartida. Apesar de não terem sido encontrados registros que mencionem algum tipo de pagamento monetário pelo serviço de Gobineau, ele mesmo como aspirante a aristocrata, conhecia bem os proventos de “ajudar” um monarca.

Já é sabido que, apesar da curta estadia no Brasil, Gobineau expressa uma visão extremamente pessimista acerca da sociedade brasileira que, por conta dos perigos advindos da mestiçagem racial, estaria próxima do seu fim. Observamos também que como *nobre romântico*⁴¹, o conde enxergava como injusta a comparação entre o Velho e o Novo Mundo, na medida em que o primeiro seria nas suas palavras *uma dama nobre e real, repleta de gênio e de espírito; a outra é uma bonita donzela inculta e selvagem que não sabe ler nem escrever*⁴². Por isso, apesar dos

⁴⁰ “Em geral, julgo que se Vossa Majestade desejar ter operários ou imigrantes suecos e noruegueses de diferentes categorias, é possível arranjar-se. Mas, seria bom facilitar os meios criando agentes consulares em diferentes pontos e escolhendo gente ativa. [...] Parece-me que seria interessante procurar atrair para o Brasil uma imigração que se compõe, em geral, de gente forte, laboriosa e que em absoluto não tem ideias revolucionárias.

⁴¹ Arendt, 1976.

⁴² GOBINEAU, Arthur de. [Correspondência]. Destinatário: Prokesch e Keller. Rio de Janeiro, 17 de abril, 1869)

elogios tecidos pelo intelectual a respeito da natureza, das riquezas e do potencial brasileiro⁴³, o caráter grotesco e selvagem do Novo Mundo e dos que nele habitam, permeia de forma subliminar ou não, a obra.

A leitura do artigo *L'Émigration au Brésil (1874)*, pode nos fornecer uma série de possibilidades de análise. Por ser uma obra de Gobineau ainda pouco estudada pela historiografia, ela carrega um grande potencial. Pretendemos nesse tópico, esmiuçar o panorama tecido por Gobineau a respeito do que ele observa e prevê para a sociedade brasileira, contrastando seu diagnóstico com a realidade. Além disso, espera-se promover um questionamento, em segunda instância, a respeito de em que medida, o prognóstico pessimista vislumbrado para o Brasil, também dialoga com as frustrações do conde com seu país e continente de origem, que distanciavam-se cada vez mais dos seus tempos áureos.

Gobineau inicia seu artigo explicando que o processo migratório como um todo tem sofrido algumas transformações nos últimos anos, o que ele intitula de *curiosa revolução*. Ele explica que a década de 1870 constitui um momento de virada na medida em que a busca por melhores oportunidades e qualidade de vida nos Estados Unidos, tem se mostrado uma empreitada não tão frutífera, seja pela grande concorrência ou pela ausência de hospitalidade dos americanos.

Além disso, o conde considera que o ano de 1873 é marcante para o debate migratório na medida em que o processo de repatriamento na Europa tem aumentado circunstancialmente, isto é, populações que, outrora haviam emigrado, agora tem retornado ao seu continente de origem e ainda sim, não encontram a hospitalidade e as oportunidades com as quais antes deparavam-se. Nesse ponto, já podemos identificar as frustrações de Gobineau com o continente europeu onde *as combinações étnicas, distribuídas por todos os pontos geográficos do território*⁴⁴, produziram a completa corrupção física e moral das civilizações

Esses são fatores que levam Gobineau a crer que *o movimento de emigração vai-se modificar e transportar as massas ambulantes para outros pontos do continente ocidental*⁴⁵. Então, o autor sugere que o leitor considere o Brasil enquanto destino possível para construir seu futuro, lá ele encontraria *a prosperidade à qual aspira*. Lembramos aqui que, nas correspondências trocadas entre o conde e seus amigos e familiares durante sua estadia no Rio de Janeiro, ele não é

⁴³ Aliás, vale destacar que este é o único documento do qual tem-se ciência em que Gobineau exalta em alguma medida, a nação brasileira.

⁴⁴ GOBINEAU, Arhur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855. t. II pp. 516

⁴⁵ READERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

capaz de identificar um elemento positivo sequer em terras brasileiras (a não ser, é claro, pelo Imperador). O que nos leva a crer que o artigo foi produzido com intenções políticas e não pela crença de Gobineau nas *maravilhas da Costa de Cabral*.

A partir desse momento, Gobineau parte para uma longa argumentação que engloba elementos políticos, climáticos, geográficos, econômicos e populacionais, para persuadir os estrangeiros a imigrar para o Brasil, uma terra que dependeria dessa massa branca e europeia para sobreviver. A tese do conde é, portanto, a de que apesar de grandes riquezas naturais e econômicas, além de um governo estruturado e bem-intencionado, o Brasil precisava de *novas almas*.

Uma vez que o conde constrói todo seu escopo teórico a partir da premissa de que a mistura entre as raças puras com as demais é a origem do declínio das civilizações, ele defende que, para vislumbrar um futuro brasileiro, é necessário que populações brancas venham e sobreponham-se em relação as demais raças (sobretudo negros e indígenas). Assim, Gobineau acreditava que, passadas algumas gerações o brasileiro poderia se regenerar, eliminando a presença negra do seu DNA e da sua realidade.

É importante ressaltar aqui que no seu *Essai* (1853-1855), o conde avalia que a miscigenação entre as raças representa um caminho sem volta, o verdadeiro motivo da decadência das grandes civilizações. Ele explica que, se já é no mínimo complicado vislumbrar um futuro glorioso para a França, seu país de origem que teve em seu passado grandes experiências de civilização e superioridade, no caso do Brasil isto seria impossível⁴⁶. Por isso, é estranho observar o discurso do conde no artigo apresentado no congresso de Viena. Realmente, a única explicação plausível parece ser advinda do seu apressamento pelo Imperador brasileiro. Ainda sim, seu discurso caminha em absoluta consonância com o imaginário da época e carrega em si um relevante potencial, seja no que tange seu engendramento nos meios intelectuais brasileiros, seja na possibilidade de convencer por meio de sua retórica, imigrantes europeus a optarem pelo Brasil.

O conde dá continuidade ao artigo ressaltando que pouco se conhece sobre o Brasil e os modos de vida da população. Por isso, pairam concepções errôneas sobre a realidade brasileira, sobretudo em relação a liberdade da população tendo em vista que vivem sob um regime monárquico. Por isso, ele rapidamente explica o sentido da produção do artigo:

“Por ocasião da Exposição Universal de Viena, o Governo Brasileiro teve razão em preocupar-se com estas incertezas disseminadas na opinião pública (...).

⁴⁶ Como vimos anteriormente, em uma de suas correspondências, Gobineau argumenta que o Brasil é um país sem passado e tampouco futuro.

Agora, tem-se os meios de saber, com a mais rigorosa e satisfatória exatidão, o que é o Brasil, como ele é governado, sob que regime vive, e pode-se compreender, a partir de quesitos de sua brilhante opulência, aqueles que lhe permitirão um desenvolvimento ainda maior no futuro. (READERS, pp.221-222)

Gobineau utiliza de dados concretos e estatísticos para elaborar sua tese. Ele cita a vastidão dos portos (42) e o avançado sistema de navegação a vapor; A hidrografia perfeita para navegação e os projetos em andamentos para conectar algumas das principais vias fluviais. A abundância fluvial brasileira estaria destinada, nas palavras do conde a *protagonizar importante papel na história econômica*⁴⁷, prometendo consideráveis riquezas. Além disso, ele chama atenção para os constantes esforços do Governo brasileiro em explorar cada vez mais as grandes bacias (Amazonas, Pará e São Francisco) e os principais rios do país. Entre os esforços científicos de *homens de reconhecido mérito*⁴⁸ para desbravar o território brasileiro, o conde destaca Agassiz⁴⁹ *cuja magnífica exploração do Amazonas produziu para a ciência benefícios de primeira grandeza*⁵⁰.

De fato, do ponto de vista do desenvolvimento urbano e industrial, a segunda metade do século XIX é marcada por importantes processos, sobretudo no Rio de Janeiro onde vive Gobineau. As grandes reformas que tiveram início na década de 1850, entre elas a expansão de linhas férreas, desenvolvimento de portos, aumento do capital estrangeiro operam também no sentido de suplantar o caráter escravocrata do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo, em prol da modernização, o que por sua vez representa mais uma derrocada no intuito de atrair imigrantes europeus.⁵¹

Em seguida, Gobineau se propõe a discorrer sobre o clima brasileiro, que encontra condições bem variadas no decorrer do ano. Apesar do incomodo proporcionado pelo calor e umidade (ele mesmo reclama constantemente das altas temperaturas durante a sua estadia no Rio de Janeiro em 1869), este é, pois, um fator fundamental no combate a doenças. O conde explica que o Brasil sofreu e ainda sofrerá com epidemias como a cólera ou a febre amarela, que por sinal foram trazidas do continente europeu, mas convêm notar que o clima é *extremamente saudável e*

⁴⁷ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.224

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Intelectual suíço que também esteve no Brasil no século XIX e dedicou-se a estudar a origem das diferenças humanas, defendendo a hierarquização científica por meio das raças.

⁵⁰ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.224

⁵¹ Andreatta, 2006. pp. 141

*favorece o desenvolvimento da vida humana*⁵², impedindo que os vírus se tornem endêmicos. Ademais, o alto volume de chuvas também influi positivamente não somente na saúde da população, como no processo reprodutivo da fauna e flora, o que por sua vez, aumenta a capacidade nacional de produção de riquezas.

O próximo ponto abordado é justamente a rica e exuberante natureza. Além da beleza que as espécies animais e vegetais conferem as florestas brasileiras, elas também são, de acordo com o conde, fonte de alimento e elemento central para o comércio interno e externo. Gobineau menciona uma série de exemplos, entre eles a abundância de peixes nos rios ao norte do país, as colônias de abelhas e os bichos da seda que já estariam sendo explorados com projeção internacional.

Contudo, por conta da imensidão na natureza na costa de Cabral, Gobineau argumenta que a ação humana ainda é pouco notada diante da amplitude da *mata virgem*:

O império é tão grande e a população relativamente tão pequena que a natureza ainda pertence, por assim dizer, a si mesma, produzindo-se, desperdiçando-se e gastando-se de forma quase ignorada e desprezada (...). Tudo se cala, porque aqui o reino vegetal é absoluto, e não tem concorrentes (READERS, pp. 212-213)

Apesar de exaltar as belezas naturais, é possível observar a crítica incumbida neste pretenso elogio. De fato, Gobineau se impressiona com a vegetação brasileira, contudo, diante de uma população degenerada e desprovida de moral, esses recursos não somente sobrepõe-se à própria ação humana, como ficam a quem do seu potencial de geração de lucros não pela ausência de esforços do Governo, mas pela falta de populações capazes de trabalhar rumo ao progresso.

Pois é justamente o *reino vegetal absoluto* que garante ao Brasil um potencial econômico como nenhum outro, explica o conde: a madeira, a borracha, a tinturaria, a baunilha, noz moscada, cacau, as frutas, entre tantas outras riquezas com as quais se produzem alimento, moradia, qualidade de vida e acúmulo financeiro. Em seguida, ele menciona a atividade mineradora, afirmando que o Brasil é uma terra abundante em diamantes, ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, manganês etc. Além de estarem espalhados por todo o território, o Governo concedeu total liberdade para a pesquisa dessas pedras que, diga-se de passagem, seriam superiores em disponibilidade e qualidade em relação as pedras encontradas na Suécia ou Dinamarca⁵³. Ele

⁵² READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.226

⁵³ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.237

destaca ainda, que tal potencial minerador, garante excelentes condições para o processo de industrialização brasileiro, que já caminha a passos significativos.

Contudo, o conde afirma que ainda faltam os meios para valorizar a enormidade dos tesouros brasileiros na medida em que *faltam braços*:

“Quando uma terra é assim dotada, é irrevogável que, num tempo determinado, seu destino seja se tornar o centro de uma importante aglomeração da raça humana. Apta a responder todas as necessidades e satisfazer todas as ambições, podendo também facilitar o desenvolvimento numérico das populações e garantir-lhes a riqueza destinada a elevar sua inteligência e a aperfeiçoar seu estatuto social, na medida em que o valor intrínseco da raça domiciliada possa se prestar a isso, uma terra semelhante desse necessariamente atrair todos os que, entre os homens, têm sede de trabalho frutuoso e de bem-estar assegurado.” (READERS pp.239)

Gobineau escreve que, após realizar algumas pesquisas (ele não menciona onde ou como encontrou os dados), é possível afirmar que naquele ano, 1873, havia um total de 11.780.000 habitantes no Brasil e desses, a maioria estava concentrada no litoral, sobretudo no Rio de Janeiro (600.000 habitantes). Contudo, ele mesmo afirma que é possível duvidar desses dados, na medida em que não se tem total conhecimento dos métodos de pesquisa adotados para aglomerá-los. É então que o conde menciona que existem outras estimativas que afirmam que a população brasileira não passaria de 9 milhões de habitantes, número este que, nos últimos 30 anos havia sofrido uma redução de mais de 1 milhão de pessoas (novamente, ele não menciona a forma de coleta desses dados).

Assim, ele começa a consolidar as bases teóricas para a defesa de sua tese: por alguma razão (que ele tratará de explicar em seguida), a população brasileira sofreu, de acordo com suas pesquisas, um considerável decréscimo de mais de 1 milhão de pessoas. Chamamos atenção para esta premissa, uma vez que em seu *Essai*, ainda no primeiro volume publicado em 1853, Gobineau afirma que um dos processos mais facilmente detectáveis a partir da miscigenação racial é justamente a redução quantitativa de contingentes populacionais, o que mais uma vez aponta em definitivo para a degeneração dos brasileiros.

De acordo com o conde, o aumento no grau de miscigenação da população e difusão dos *tipos* negros e indígenas, gerou uma diminuição do genótipo português e branco como um todo. Ele afirma que em muitos cenários o processo de miscigenação racial além de gerar um número limitado de gerações, produz populações *estéreis e inviáveis que desaparecem antes de darem à luz, ou então deixam rebentos que não sobrevivem*:

É inquestionável que, antes de cinquenta anos, todos os mulatos do Haiti terão desaparecido. No Brasil, acabamos de ver que um período de trinta anos roubou um milhão de almas. (READERS, pp.241)

Novamente, em consonância com sua grande obra o *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), a tese apresentada a respeito da população brasileira, não diverge em termos teórico do que Gobineau diagnostica a respeito das populações Arianas, que não transcorreram a história ilesas das misturas raciais:

A relativa superioridade tende constantemente a desaparecer; a parte do sangue Ariano, já tantas vezes subdividida que ainda existe em nossas regiões, e que por si só sustenta o edifício de nossa sociedade, está se movendo a cada dia em direção aos extremos de sua absorção. O princípio branco, contida em cada homem em particular, estará na proporção de 1 para 2, uma proporção triste que, de qualquer forma, bastaria para paralisar sua ação. (GOBINEAU, 1855, pp. 526)

Diante desse cenário, Gobineau continua com uma previsão fatalista de futuro para o Brasil:

(...), podemos concluir que, se um período de trinta anos custou um milhão de habitantes ao Brasil, os nove milhões nos quais acredito terão desaparecido completamente, até o último homem, no final de um período de 270 anos (READERS, pp.241)

Contudo, ele rapidamente se corrige, explicando que a degeneração das gerações brasileiras aconteceria em um intervalo de tempo mais acelerado do que o esperado. Então, conclui que *em menos de 200 anos, na verdade, veremos o fim da posteridade dos companheiros da Costa de Cabral e dos imigrantes que o sucederam. Aliás, o Brasil já se acostumou a tal espetáculo*⁵⁴.

Existe, porém, uma forma de reverter a catástrofe premeditada no Brasil, esta é, pois, a motivação para a produção do artigo: se, ao invés de reproduzirem-se entre si, os brasileiros diluíssem os *elementos daninhos* através da aliança com raças de mais valor, aquelas advindas da Europa. De acordo com o Gobineau a vinda de europeus para o Brasil e a consequente difusão dos genes brancos poderia reestabelecer a raça, melhorar as condições de saúde pública, restaurar a índole moral e, portanto, renovar a sociedade brasileira. Este problema é apresentado pelo conde como um embate entre a civilização e barbárie e ele afirma que é necessário sonhar com a civilização dos selvagens como quem almeja a moralização dos criminosos, ato este que *demonstra esperança e generosidade por parte do que vos escreve*.

⁵⁴ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.241

Gobineau retoma a tese do seu *Essai* para justificar a imperatividade do desaparecimento das populações negras e indígenas afirmando que:

O espírito de uma raça não se metamorfoseia enquanto continua a ser ela mesma, e se esta raça entra em contato com uma potência estrangeira e mais forte, é triste dizer, não se se assimila à outra: morre ou desaparece. (READERS, pp.243)

Esta situação agrava-se por conta do sistema escravista, instituição esta que, de acordo com o autor, jogou contra o espírito moderno brasileiro, atrasando e desfavorecendo a nação. Ele explica que o anseio pela extinção deste sistema vinha não somente da Europa como do soberano brasileiro (a quem ele tece muitos elogios por seu senso de justiça e responsabilidade para com o povo). Como os países na Américas já haviam demonstrado, o sistema escravista representaria um atraso não somente do ponto de vista econômico como social, uma vez que a massa de trabalhadores africanos estaria condenando a população a barbárie racial.

A respeito do diálogo que Gobineau estabelece com a instituição escravista no Brasil, algumas considerações são relevantes. O conde, assim como outros intelectuais da época, posiciona-se contra a escravidão não por algum tipo de consciência social, ao contrário ele acredita que a mão de obra escravizada representa um atraso do ponto de vista do mundo moderno do trabalho e sob a perspectiva da raça.

Gobineau defende, contudo, que existe um motivo plausível para a espera que antecipa o processo de abolição, na medida em que o sistema escravista afeta diretamente a produção do café, cultura mais importante do Brasil do XIX. Ele argumenta que é natural que a população e até mesmo seu líder tenham receios para com a abolição, afinal sem os escravizados, a produção de café seria comprometida. O conde levanta duas grandes questões que explicariam a permanência do regime escravocrata, mas logo em seguida afirma que elas podem e estão sendo solucionadas.

A primeira delas seria, nas palavras de Gobineau *a incapacidade do negro para o trabalho voluntário*, minando qualquer possibilidade de libertá-los. A segunda é a *impossibilidade de substituir este trabalhador, nas latitudes quentes, por operários da raça branca*⁵⁵. Mas, a experiência vivida nos últimos anos provou que era necessário reconsiderar esses argumentos. Ele explica que os negros emancipados não se mostraram tão hostis ao trabalho e que os operários brancos não apenas conseguiam trabalhar nos trópicos sem grandes riscos a sua saúde, como foram

⁵⁵ READERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp.244

capazes de produzir com mais eficácia que os africanos (ele cita aqui o exemplo dos portugueses dos Açores):

“Hoje, em vários locais do Brasil faz-se a cultura do café com emigrantes europeus que dão conta do recado perfeitamente bem, deixando prever no futuro resultados ainda mais satisfatórios.” (pp.245)

Este é, pois, elemento preponderante no imaginário brasileiro da segunda metade do século XIX. A ideia de que os negros seriam incapazes de trabalhar sob um regime de liberdade por conta da sua *má índole* permeia os estudos científico e antropológicos do período⁵⁶, uma vez que a biologia de toda e qualquer população estaria necessariamente vinculada ao seu caráter, honestidade, disposição para o trabalho, entre outros fatores que compõe a subjetividade humana. Assim, o mesmo vale para os europeus uma vez que, por conta do seu alto grau de civilidade decorrente da raça, havia dúvidas no que diz respeito a sua força e aptidão física. O próprio Gobineau ainda no primeiro volume do seu *Essai* explica que características como inteligência, capacidade de acúmulo de riquezas, habilidades de comunicação estariam atreladas as raças brancas, ao passo que a brutalidade, a ignorância e o desprezo pelo conhecimento seriam traços de raças terciárias em diante⁵⁷.

Diante dos fatos, Gobineau explica que o Imperador pôde colocar em prática suas intenções e em 28 de setembro de 1871 aboliu a escravidão ao promulgar a Lei do Ventre Livre, declarando que ninguém mais nasce escravo no Brasil. A partir da década de 1870, o conde argumenta que a prática de alforria espontânea por parte dos senhores estaria tornando-se cada vez mais usual, na medida em que o governo proporcionava as condições necessárias para garantir a estabilidade dos produtores. Ele alega também que as condições de trabalho dos escravizados atenuara-se com o passar dos anos, permitindo inclusive que eles realizassem algum tipo de trabalho assalariado para arrecadar dinheiro e comprar sua própria alforria (dados este que provaram-se absolutamente equivocados para a historiografia brasileira do século XIX).

Diante dessa situação Gobineau explica que:

(...) deu-se uma transformação gradual sem e abalos sem perigos para a segurança publica. E, como o número total de escravos não chega, em todo o Império, a 1,4 milhão, e anualmente diminuiu em proporção crescente, pode-se prever, num futuro próximo, o momento em que o Brasil terá unicamente habitantes livres. Em nenhum lugar a questão foi resolvida tão habitualmente. (...) O Brasil continua a

⁵⁶ SCHWARCZ, Lília. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁵⁷ GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*: 1853-1855. t. I

umentar sensivelmente sua produção e sua prosperidade, ao mesmo tempo que realiza uma transição tão temida e, de fato, tão temível. (READERS, pp.246)

Nesse sentido, Conde Gobineau pode afirmar com convicção que a nação brasileira se caracteriza por uma administração de cunho liberalista, com uma base política sólida e um líder comprometido com sua constituição e seu povo⁵⁸. Ele chama atenção para a laicidade do Estado e para a estrutura institucional constituída pela Assembleia Geral, o Senado e a autonomia conferida a cada uma das províncias. Em seguida, o conde assegura o leitor que o Brasil é uma nação na qual os direitos individuais são plenamente garantidos, onde a igualdade perante a lei é *absoluta*.

O exército também merece destaque uma vez que conta com um contingente e uma organização exemplar. Tendo em vista a ausência de grandes conflitos na décadas anteriores, o orçamento destinado as forças militares fora reduzido sem qualquer prejuízo e, então, destinado a expansão territorial e comercial. Nem mesmo a Guerra do Paraguai *fato completamente anormal que não terá muitos similares no futuro*, foi capaz de desestabilizar a prosperidade do Império.

O artigo encaminha-se para o fim e Gobineau conclui sua tese:

Quando se examina a situação do Brasil, um aspecto surpreende. Riquezas extraordinárias, leis sensatas, liberais e protetoras, grandes garantias de paz e de tranquilidade, preciosos elementos de prosperidade e de trabalho, nada falta, a não ser uma população suficiente e, por conseguinte, braços. (...) Mas, agora que o Brasil será mais conhecido e que, graças à excelente obra que me dei por objetivo divulgar, facilmente se poderá perceber o que vale este país (...), tenho certeza de que a emigração vai-se dirigir cada vez mais para o Brasil, ajudando a produzir, nesta terra de promessa, um desenvolvimento econômico cujo arrojo será fantástico, bastando que o engenho humano saiba tirar partido da prodigalidade da natureza. Certamente não existe país que se ocupe mais constantemente da segurança e do futuro dos homens, sobre quem se fundam, aliás, justas esperanças para a prosperidade nacional (READERS, pp. 250-251)

Conclui-se, portanto, que o argumento defendido por Gobineau no decorrer de sua produção é que apesar de prejudicado pela miscigenação e aumento das populações degeneradas, o Brasil teria ainda uma perspectiva de futuro. A solução seria trazer *novas almas*, imigrantes europeus capazes de ocupar a terra, trabalhar de forma assalariada, sobrepor sua cultura e modo de vida sobre os demais e, impreterivelmente, disseminar os genes da civilização e salvar a raça.

⁵⁸ Percebe-se novamente as menções em tom elogiosas que Gobineau faz a Dom Pedro II, atribuindo a ele um caráter liberal e justo

Destaca-se um elemento fundamental: modernizar a nação significaria embranquecê-la, para tanto o sistema escravista, a cultura africana e o genótipo negro deveriam ser extintos em prol do progresso e da civilização.

5. Conclusão

Pretendeu-se aqui traçar uma análise detalhada do artigo L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne, escrito em 1873 pelo Conde de Gobineau à ocasião do Congresso de Viena e publicado no ano seguinte no periódico francês *Le Correspondant*. O documento em questão é de extrema relevância para o debate cientificista do século XIX, seja no que tange a realidade brasileira, seja no que diz respeito ao contexto europeu.

Joseph Arthur de Gobineau foi sem dúvida um dos pilares para a construção do discurso racialista do século XIX. Preocupado em desvendar a origem da queda de grandes civilizações, ele encontra na questão racial a chave para a degeneração humana. O *Essai sur l'inégalité des races humaines*, publicado em dois volumes nos anos de 1853 e 1855, compilou o percurso teórico de Gobineau demonstrando que a miscigenação entre raças de diferentes graus de civilidade, levaria a humanidade ao fracasso.

Este é o processo que ele observa de maneira agonizante na Europa e na França especificamente. O transcorrer da história ocasionou a mistura de povos que no decorrer de gerações perderam seu caráter de pureza e superioridade. Tal fenômeno agravou-se diante das revoluções burguesas, que rompiam os laços com o passado medieval (aquele com o qual o conde procurava identificar-se). A miscigenação traduzia-se de forma escatológica, no cessar do progresso humano.

As previsões do conde para o Brasil, terra em que vive por 14 meses entre 1869 e 1870 são de certo, ainda mais assustadoras. Aqui, ele coloca seus postulados em prática ao visualizar um povo *absolutamente miscigenado, com feições abomináveis, hábitos e valores degenerados*, onde a promessa de futuro não poderia passar se não, de um sonho. O contexto brasileiro torna-se uma espécie de laboratório das proposições teóricas do seu *Essai*. Um país sem um passado histórico e memorável, que teria sua população extinta em menos de 200 anos, só poderia ser digno de estudo por conta do seu apreço pelo Imperador Dom Pedro II, o único elemento civilizado do Novo Mundo.

É assim, portanto, que Gobineau escreve em 1873 o artigo *L'Émigration au Brésil: L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne*, no qual após produzir uma detalhada descrição seguida de estudos estatísticos (dos quais só ele reconhece o processo metodológico de coleta de dados), constata-se que apesar de inúmeras riquezas naturais e grande potencial no que tange a qualidade de vida e geração de riquezas, faltavam almas para transformar a barbárie natural em espetáculo de civilização. A tese apresentada por ele é de que a única maneira de reverter a catástrofe premeditada pela miscigenação, seria por meio do incentivo a vinda de imigrantes europeus, encarregados de disseminar os genes brancos e gradualmente embranquecer a nação.

A premissa do embranquecimento nacional tal qual o argumento científico racial, não foram inventados por Gobineau, aliás são muitos os *pregadores científicos* que desde meados do século preocuparam-se em comprovar as desigualdades sociais utilizando-se da biologia. Contudo, Gobineau enquanto uma das mais influentes figuras desse universo, influência esta que atravessa o século XIX e opera no século XX como verdadeiro instrumento de genocídio em massa, estabelece postulados fundamentais não somente pregando a existência de raças, como afirmando que a mistura entre elas seria o grande vilão da história.

Como mencionado no decorrer do trabalho, a associação entre ciência, civilização e imigração no Brasil é uma equação de certo conhecida por aqueles que voltam os olhares para a segunda metade do século XIX, contudo, produzimos aqui uma associação entre as teorias de Gobineau, o papel do discurso cientificista no Brasil e o imperativo da imigração europeia no processo de formação nacional. A questão racial, tão engendradora na formação e desenvolvimento do Brasil, tem na obra do conde um importante aliado.

O Brasil, pensado enquanto nação em formação, só poderia caminhar em direção ao progresso, uma vez que eliminasse os *tipos* negros e miscigenados, seja sob as leis da genética, seja do ponto de vista social. Assim, observamos que a crítica de Gobineau e de tantos outros aos sistemas escravista ocorre diante do anseio de modernizar a mão de obra brasileira e, mais do que isso, de retirar os *seres daninhos* do contingente populacional, construindo assim um país fenotipicamente branco, culturalmente europeu e economicamente assalariado.

As mazelas desse pensamento são de certo intrínsecas ao imaginário e cotidiano brasileiro até os dias de hoje. A breve estadia de Arhur de Gobineau no Rio de Janeiro, foi marcante e a produção do seu artigo foi, definitivamente, uma das ferramentas que garantiram a persistência de

desigualdade raciais e de um ideal civilizatório perpassado pelo embranquecimento em terras brasileiras.

6. Fontes

- GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines* : 1853-1855.
- GOBINEAU, Arthur de. *L'Émigration au Brésil : L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne : Le Correspondant*, 1873
- READERS, Georges. O Inimigo Cordial do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- READERS, Georges. D. Pedro e o Conde de Gobineau: correspondências inéditas. São Paulo: Brasiliana, 1938
- READERS, Georges. O Conde de Gobineau no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

7. Bibliografia

ALONSO, Ângela. Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARENDT, Hanna. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013

AZEVEDO, Celia Maria de. Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário das elites século XIX. São Paulo: Annablume, 2004.

BANTON, Michael. A ideia de raça. Lisboa: Edição 70, 2010.

BETHENCOURT, Francisco. Racismos: das cruzadas ao século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

BOAS, Glaucia Villa; GONÇALVES, Marco Antonio. O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência – por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem – a elite política imperial; Teatro de sombras – A política imperial. 2 a .Ed. Rio de Janeiro, UFRJ; Relume-Dumará, 1998.

CERTEU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1982

CORRÊA, Mariza. As Ilusões de Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 2ªed: Editora Da Universidade São Francisco, 2001.

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das Ideias no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DARWIN, Charles. Origem das espécies. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

DIWAN, Pietra: Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

EUGENE, Eric. Wagner et Gobineau: existe-t-il un racisme wagnérien? Paris: Cherche Midi, 1998.

GAHYVA, Helga. Brasil, o país do futuro: uma aposta de Arthur de Gobineau, 2006

———. Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 49, no. 3, 2006, p. 553 – 582.

———. O inimigo do século: Um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816 – 1882). Rio de Janeiro: tese de doutoramento em ciências humanas: sociologia (IUPERJ), 2006

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011

MAIO, Marcos Chor. Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MOURA, Clovis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Edusp, 2013

MUNAGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem: identidade nacional X identidade negra. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

POLIAKOV, Leon. O mito ariano, ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

RAYMOND. Jean- François de. Arthur de Gobineau et le Bresil Grenoble : Presse Universitaires de Grenoble, 1990.

REDONDI, Pietro. La révolution française et l'hitoire des sciences. Paris: La Recherche, 1989.

SCHWARCZ, Lília Moritz O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questã Racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

———.. As Barbas do Imperador. D.Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SEILLIÈRE, Ernest. Le Comte de Gobineau et l'arianisme. Paris: Plon, 1903.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. In Maio, Marcho Chor, Santos, Ricardo Ventura. Raça, Ciência e Sociedade Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996

SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

STEPAN, Nancy L. A hora da Eugénia - raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005.

SUSSMAN, Robert Wald. The myth of race: the troubling persistence of an unscientific idea. Harvard University Press, 2020

TELLES, Edward. Racismo à brasileira uma nova perspectiva sociologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003

TOCQUEVILLE, Alexis. O antigo regime e a revolução. Brasília: Ed. UNB, 1997.

TODOROV. Tzvetan. Nós e os outros – a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

WASSERMAN, Claudia. História Intelectual: origem e abordagens. Tempos históricos: volume 19, 2015